



Educação em Revista

ISSN: 0102-4698

ISSN: 1982-6621

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Bernardim, Márcio Luiz; Silva, Monica Ribeiro da
JUVENTUDE, ESCOLA E TRABALHO: SENTIDOS DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO
Educação em Revista, vol. 32, núm. 1, 2016, Janeiro-Março, pp. 211-234
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

DOI: 10.1590/0102-4698142703

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399362312010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UFMG redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

JUVENTUDE, ESCOLA E TRABALHO: SENTIDOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO

Márcio Luiz Bernardim*

Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO)

Monica Ribeiro da Silva**

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

RESUMO: O estudo que deu origem a este texto trata das relações de jovens com a escola e com o trabalho e dos sentidos que eles atribuem à Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Empreendemos uma pesquisa empírica com jovens estudantes-trabalhadores matriculados no Ensino Médio noturno público em Curitiba e região metropolitana. Tal investigação foi desenvolvida em duas etapas: a primeira, de caráter exploratório quantitativo, contemplou mais de 4.000 estudantes em 18 estabelecimentos; a segunda, de caráter qualitativo, contemplou quatro turmas do quarto ano do Ensino Médio Integrado. A análise dos dados primários, à luz da produção dos campos teóricos relacionados ao tema, da legislação educacional e dos embates teórico-metodológicos e ideológicos que permeiam as disputas pela última etapa da educação básica permitiu uma aproximação com os sentidos que os jovens atribuem ao Ensino Médio em geral e à Educação Profissional Técnica de Nível Médio, em particular.

Palavras-chave: Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Ensino Médio. Ensino Médio Integrado. Juventude e educação. Juventude, escola e trabalho.

<http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698142703>

* Professor Adjunto do Departamento de Administração, com doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: marcio.bernardim@gmail.com

** Doutora em Educação pela PUC/SP. Professora Associada III na Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Observatório do Ensino Médio. E-mail: monicars@ufpr.br

YOUTH, SCHOOL AND WORK: MIDDLE SCHOOL TECHNICAL EDUCATION'S MEANING

ABSTRACT: This paper is the result of a study about the relationship between youth, school and work and the meanings attributed by young students to Middle School Technical Education. A survey was conducted among young students/workers enrolled in public middle schools studying at night in Curitiba (Brazil) and its metropolitan area. It was developed in two stages: the first, quantitative and exploratory, included more than 4,000 students of 18 institutions; the second, qualitative, evaluated 4 fourth year technical middle schools' classes. Primary data was analyzed in face of the theoretical debates, educational legislation and theoretical and methodological discussions associated to the disputes for the last stage of basic education, allowing an approach to the meanings attributed by young students to middle school in general and, in particular, to technical education.

Keywords: Middle school technical education. Middle school. Youth and education. Youth, school and work.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando Michel Young (2007) nos induziu a perguntar “para que servem as escolas?”, ainda que não tenha se dirigido especificamente à realidade escolar brasileira, nos inquietou sobre o papel de conformistas que nós, educadores, desempenhamos frente à escola oferecida aos jovens brasileiros que se defrontam, hoje, com as oportunidades de Ensino Médio como última etapa da educação básica e, possivelmente, para a maior parte deles, como a última oportunidade de educação formal.

Se o papel da educação “é supremo tanto para a elaboração de estratégias apropriadas, adequadas a mudar as condições objetivas de reprodução, como para a automudança consciente dos indivíduos”, conforme argumenta Mészáros (2004, p. 13), mostra-se imprescindível para que o sujeito social assegure as condições para a sua inserção sociopolítico-cultural e econômica na sociedade contemporânea.

Neste artigo apresentamos os resultados de uma pesquisa qualitativa realizada com estudantes jovens (de 15 a 29 anos) que frequentam a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) e que a cursam mediante a oferta integrada ao Ensino Médio. Esse estudo buscou, no cotidiano da escola e lá onde os estudantes jovens vivem as suas experiências escolares, os elementos que pudessem contribuir para a compreensão do significado que tem para eles a formação escolar e profissional.

A nossa intenção é mostrar os elementos que conformam a EPTNM à luz da realidade concreta, da experiência escolar e laboral e do significado atribuído ao Ensino Médio Integrado pelos sujeitos

jovens que o frequentam. Nesse percurso, organizamos a exposição em três partes distintas: explicitação metodológica; caracterização escolar, social e econômica dos jovens; e os sentidos atribuídos ao Ensino Médio Integrado pelos seus estudantes jovens.

EXPLICITAÇÃO METODOLÓGICA

Foram pesquisados estudantes de quatro turmas, de quatro estabelecimentos estaduais de educação pública, de oferta noturna¹, da cidade de Curitiba e Região Metropolitana, mediante a aplicação de um questionário e a realização de grupos focais, conforme dados a seguir apresentados:

TABELA 1

Características dos estabelecimentos e dados amostrais do público pesquisado

Escola	Curso Técnico de Ensino Médio Integrado pesquisado	Alunos		
		Matriculados	Preencheram o questionário	Participaram dos grupos focais
A	Administração	33	25	12
B	Logística	11	7	8
C	Administração	37	29	12
D	Informática	12	11	9
	Totais	93	72	41

Fonte: Dados da pesquisa, organizados pelos autores.

O questionário totalizou 32 questões abertas e fechadas, distribuídas em três blocos distintos: um, com oito questões, destinado à caracterização do público quanto à faixa etária e constituição familiar dos estudantes e à caracterização escolar dos seus pais ou responsáveis; outro, com treze questões, visando à obtenção de informações a respeito da situação escolar pregressa do estudante, suas opiniões sobre a pertinência e importância do curso e perspectivas de futuro quanto à formação; por fim, o terceiro bloco, com onze questões, que investigou as condições de trabalho durante o curso, as relações entre o curso e as atividades laborais e as perspectivas futuras quanto ao trabalho.

O questionário proporcionou os elementos necessários à caracterização do público e à compreensão das relações, dos sentidos e das percepções dos estudantes quanto a essa oferta de Educação Profissional, conforme demonstra o Quadro a seguir:

QUADRO 1

Questões e categorias de análise contempladas no questionário
e exploradas nos grupos focais

Questão	Categoria	Item do questionário
Quem são os jovens que acessam o Ensino Médio noturno? Quem é a juventude da classe trabalhadora?	Caracterização social	3. Sexo 4. Idade 5. Estado civil 6/7. Configuração domiciliar 8. Escolaridade e ocupação dos pais
	Caracterização escolar	9. Tipo de escola fundamental 10. Tempo sem estudar 11. Histórico de reprovação 12. Motivo de estudar à noite
	Caracterização econômica	22. Tipo de trabalho no início do curso 23. Tipo de trabalho atualmente 24. Com que idade começou a trabalhar 25. Tempo gasto com o trabalho e a escola 26. Renda média mensal 27. Destino do salário 28. Treinamento específico para a função atual
Que expectativas têm os jovens que frequentam o EMI?	Percepções e expectativas educacionais	13. Motivação para o curso atual 14. Diferenças Ensino Médio Integrado x Ensino Médio Regular 17. Expectativas com o curso 20. Satisfação ou arrependimento com o curso 21. Planos educacionais para o futuro
	Percepções e expectativas laborais	31. Planos para o futuro profissional
O que os estudantes pensam sobre a escola e o curso frequentado; do que mais gostam e menos gostam na escola?	Relações com a escola	15. Disciplinas que mais gosta ou menos gosta 16. Vantagens do curso para o trabalho 18. Eventuais oportunidades de trabalho perdidas pela falta de Ensino Médio ou curso técnico 19. Motivo da evasão/abandono de colegas
Que significados têm a escola e o trabalho para os estudantes?	Sentido da escola e do trabalho	29. Significado do curso técnico para a vida profissional 30. Sentidos do trabalho 32. Trabalho e escola hoje

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após a aplicação e análise preliminar dos dados obtidos com os questionários, realizamos grupos focais, técnica bastante utilizada nos trabalhos de campo visando à obtenção de dados qualitativos. De acordo com Kind (2004, p. 125):

Os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo. A despeito disso, o grupo focal conserva o caráter de técnica de coleta de dados, adequado, *apriori*, para investigações qualitativas.

Além de permitir maior liberdade ao investigador, o grupo focal considera os participantes não apenas como objetos ou partes do estudo, mas como sujeitos que têm e podem fornecer informações importantes para a discussão. Como investigávamos a relação dos jovens com a EPTNM e os significados atribuídos por eles a essa formação, a técnica de grupo focal foi utilizada com o objetivo de ampliar as possibilidades de compreensão dessa relação, tendo em vista a abordagem qualitativa de um maior número de participantes, além de permitir o aprofundamento de questões não suficientemente respondidas durante a aplicação de questionários.

Nesse sentido, os grupos focais foram realizados no ambiente escolar, durante um período de tempo médio de sessenta minutos, considerando-se aí o tempo de preparação, aplicação da técnica (com gravação de áudio) e conclusão.

Tanto no caso dos questionários quanto dos grupos focais, solicitamos a autorização escrita da direção da escola e o preenchimento de termos de consentimento livre e esclarecido por parte dos estudantes participantes, de modo a assegurar a observância das normas e dos princípios éticos requeridos nos casos de pesquisas com seres humanos.

Explicitadas as opções metodológicas e os caminhos percorridos para a realização da pesquisa, passamos a apresentar os resultados obtidos, mediante um diálogo permanente com os aportes teóricos do campo Educação e Trabalho.

CARACTERIZAÇÃO SOCIAL, ESCOLAR E ECONÔMICA

Um dos nossos objetivos era saber quem são os sujeitos que frequentam o Ensino Médio noturno e quem são os jovens que escolheram a Educação Profissional de oferta integrada ao Ensino Médio como percurso formativo para a última etapa da educação básica.

Os resultados mais gerais obtidos com os questionários aplicados aos setenta e dois estudantes do último ano do Ensino Médio Integrado, que compuseram o grupo pesquisado, mostram que há igualdade de frequência entre homens e mulheres (50% cada), que quase todos são solteiros (93%), sem filhos (99%) e que moram com os pais/responsáveis (89%), dentre os quais 57% têm escolaridade igual ou superior ao Ensino Médio completo.

As atividades laborais exercidas pelos pais ajudam a compreender as suas características escolares, econômicas e sociais, que de alguma forma se refletem nas relações dos estudantes jovens com o Ensino Médio e com as expectativas por eles associadas à Educação Profissional. Na prática, tais atividades refletem a divisão técnica própria do sistema produtivo capitalista, que reserva as funções consideradas “nobres” e “intelectualizadas” àqueles que apresentam perfil escolar mais elevado, destinando os demais trabalhadores às ocupações de menor prestígio social.

A concentração dos pais em ocupações ditas de baixa qualificação (71% dos pais são operários de fábrica, vigilantes, caminhoneiros, tratoristas, frentistas etc., e 47% das mães são babás, zeladoras, cozinheiras, garçonetes etc.), que se caracterizam pelo trabalho que utiliza força física e habilidades manuais, nos faz lembrar que na sociedade capitalista tais trabalhadores são historicamente destituídos da possibilidade de incorporar-se ao mundo da educação, ou de manter-se simultaneamente nas condições de estudante e de trabalhador. Ultrapassar essa linha que legitima os espaços laborais destinados àqueles que apresentam baixa escolarização representa um desafio à classe trabalhadora. Segundo Álvaro Vieira Pinto (1986, p. 37), somente “quando o trabalho manual deixar de ser um estigma e se converter em simples diferenciação do trabalho social geral, a educação institucionalizada perderá o caráter de privilégio e será um direito concretamente igual para todos”, de modo que tanto o destino às funções laborais reflete a pouca escolaridade formal, quanto a baixa escolarização realimenta o ciclo da desvalorização do trabalhador pelo sistema produtivo.

Em relação às ocupações desenvolvidas pelas mães dos estudantes, predominantemente de atividades domésticas e similares, devemos considerar que, no decorrer da história, enquanto o trabalho realizado fora de casa ou com foco na produção de bens e serviços mercantis foi alçado à condição de remunerado, o trabalho doméstico, por outro lado, quando realizado em casa ou para consumo da família, foi ignorado como uma atividade laboral, embora se assemelhe, no seu aspecto de dispêndio de energia humana e de capacidade de trabalho, a qualquer outro.

Tais constatações revelam que a ideologia que restringiu a compreensão do trabalho a suas formas remuneradas reforçou a posição dos homens na relação entre gêneros e, além de relegar as donas de casa ao limbo da “não atividade”, tem levado a ignorar o trabalho não remunerado dos trabalhadores e suposto uma tergiversação da realidade econômica (ENGUITA, 1989), que tende a “valorizar” os trabalhos que geram lucro e “desvalorizar” as atividades que, embora necessárias e significativas para a vida coletiva, “não contribuem” diretamente para o sistema mercantil.

Essa caracterização laboral dos pais/mães ou responsáveis pelos estudantes explica por que os jovens pesquisados procuram se esquivar, tanto quanto possível, dessas ocupações. Um exemplo típico desse estudante que procura se afastar do estereótipo de baixo prestígio ocupacional e salarial vivido pelos pais é o de uma aluna de dezoito anos, que é estagiária de um órgão público. Filha de açougueiro e de empregada doméstica, tem planos de fazer faculdade, estudar idiomas, estudar no exterior e fazer algo de que seus pais se sintam “orgulhosos”. Apesar dos sonhos e expectativas que alimenta quanto ao futuro laboral, relatou que estará satisfeita se, ao final do curso, conseguir um emprego com carteira assinada na área de sua formação técnica.

Embora em número reduzido, também encontramos estudantes que apresentam melhor condição econômica e social (10%), cujos pais exercem atividades socialmente mais prestigiadas, como os profissionais liberais (advogado, contador, economista) e os ocupantes de cargos no escalão gerencial das empresas. Entre esses estudantes, há os que já estudaram em escola particular e conciliam a Educação Profissional noturna com cursinho pré-vestibular diurno. Mesmo nesses casos, tais circunstâncias não garantem que esses estudantes estejam imunes a precárias condições de inserção laboral, tendo em vista a grande competição para ingresso e as situações de exploração a que estão sujeitos os jovens no início do século XXI.

Além disso, o exercício de ocupações ditas “intelectuais” não afasta os trabalhadores da condição degradante expressa na divisão ocupacional da força de trabalho e, de certa forma, sustentada pelo sistema escolar, ainda que eles depositem nessas ocupações a expectativa de melhores dias. Isso porque esse trabalho também é empobrecido tanto no âmbito da produção quanto no tratamento recebido no interior da escola:

A escola degrada tanto o trabalho manual quanto o trabalho intelectual. Degrada o manual porque, a partir de sua suposta dimensão intelectual e a partir da associação da promessa de mobilidade à fuga das tarefas físicas, apresenta-o como algo carente de inteligência e, portanto, de valor: aquilo que fazem os

que não valem, que por acaso vêm a ser aqueles de quem a escola diz que não valem. Degrada o intelectual porque apresenta como tal uma triste caricatura do mesmo, um conjunto de tarefas rotineiras, escassas de sentido e distanciadas da realidade extra-escolar. (ENGUITA, 1989, p. 237-238)

Mais do que qualificar diferentemente os trabalhos intelectual e manual, a escola qualifica o primeiro e desqualifica o segundo, sujeitando os trabalhadores, segundo Saviani (2002, p. 28), “à ideologia burguesa sob um disfarce pequeno-burguês”. Em outras palavras, a escola pode ser tanto um fator de marginalização dos trabalhadores em relação à cultura burguesa, oferecendo-lhes apenas os subprodutos dela, quanto pode se transformar em fator de marginalização dos trabalhadores no seio da própria classe, quando os distingue do grupo de origem na medida em que progridem no sistema de ensino.

Como regra, portanto, constituem o grupo mais numeroso da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio noturno os jovens das classes trabalhadoras, cujos pais desempenham funções de pouco prestígio social. Daí apreendemos que a preocupação dos estudantes e o direcionamento dos seus esforços em prol da escolarização como sinônimo de qualificação se situam no contexto social marcado pelo desemprego estrutural como um dos seus maiores problemas. O não acolhimento de todos pelo mercado de trabalho atinge, em maior ou menor grau, todas as nações capitalistas, mas apresenta efeitos dramáticos sobre os trabalhadores dos países periféricos, haja vista o processo de flexibilização que ganha ênfase, no caso brasileiro recente, com a nova lei da terceirização do trabalho.

Em resposta à ampliação do grupo em situação de vulnerabilidade socioeconômica, os governos foram criando políticas que procuram compensar os efeitos do desemprego e das dificuldades que os jovens mais pobres têm de ingressar no mercado de trabalho. Para Kuenzer (2006), esse cenário dá origem ao que ela chama de “inclusão subordinada”, que caracteriza o conjunto de fatores macroeconômicos que marcam as relações entre capital e trabalho, e que determinam a sujeição dos trabalhadores a uma relação mais abrangente, flexível e predatória, conforme demonstrou ao estudar o setor coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul:

Os trabalhadores até recentemente incluídos por meio de contratos formais vão sendo progressivamente desmobilizados pela flexibilização do trabalho e de suas relações, juntando-se àqueles que nunca se incluíram, ou por falta de emprego ou por impossibilidade de assumir um emprego formal, particularmente as mulheres que, duplamente exploradas, têm de arcar solidariamente com o ônus do sustento da família e com o trabalho doméstico. Por intermédio das relações sociais flexibilizadas, esses trabalhadores, antes vinculados a sindicatos

combativos, vão se negando como sujeitos de direitos, a partir de discursos permanentemente reiterados que não só justificam a exclusão, mas também a apresentam como positiva. (KUENZER, 2006, p. 884)

No contexto de desemprego, subemprego e emprego precário, a busca da Educação Profissional pelos trabalhadores revela outra face perversa do capital, que promete uma “rápida” inclusão no mercado de trabalho, expondo os trabalhadores a inadequadas condições de trabalho, quanto mais para quem ainda está cursando a última etapa da educação básica.

Além de vislumbrar a escola como potencializadora do emprego, os estudantes buscam a Educação Profissional com o objetivo de obter um emprego qualificado, que sinalize o rompimento com o passado de condições precárias de trabalho vividas pelos pais, por pessoas próximas ou por eles próprios, conforme a situação da aluna Q1109², que tinha dezoito anos à época da pesquisa, começou a trabalhar com dezesseis e é filha de eletricista e cabeleireira. Ela afirma que se identifica com a Educação Profissional porque tanto o perfil dos alunos quanto o aprendizado são diferentes. Hoje trabalha como auxiliar administrativa graças ao curso escolhido e, segundo ela, diz encontrar “todos os dias pessoas com idade avançada que ganham menos que nós, por não ter um curso”. Esse caso revela o receio que os estudantes têm de se verem obrigados a trilhar os mesmos percursos laborais dos seus pais, em atividades pouco valorizadas pela sociedade.

É preciso lembrar que embora não esteja afastada a possibilidade de inserção profissional em atividades manuais, pouco valorizadas, o que ocorre, inclusive, entre os pais dos estudantes que têm o Ensino Médio ou mais, os dados sobre as ocupações exercidas pelos alunos (ainda que estagiários ou aprendizes) sinalizam o encaminhamento para funções de natureza administrativa, como secretárias e auxiliares de escritório. Na avaliação deles próprios, tais condições refletem a opção acertada pela oferta de Educação Profissional e pelo curso:

[...] eu escolhi esse curso porque como é um curso novo, existem [...] pouquíssimos profissionais qualificados nessa área, e com a demanda também por causa da Copa e Olimpíadas [...] a demanda de logística vai ser muito maior do que os profissionais [que] estão se qualificando hoje, ou seja, pra quem está se formando, [...] se qualificando nesta área de logística, há uma grande chance de o cara dar um pontapé, [...] ou ter um futuro garantido numa grande empresa, tendo essa mão de obra qualificada. (GF2-02)

Como se vê, o discurso da falta de profissionais qualificados reforça a ideia de que o curso técnico é a opção mais acertada para quem quer “ter um futuro garantido” e, quem sabe, se inserir em uma “grande empresa”. Também não é incomum que os

estudantes invoquem a profissionalização como um dos méritos do Ensino Médio, que contribui não só para o ingresso como para a permanência e o crescimento na empresa:

Porque eu estou lá trabalhando há quase três anos, né? Então daí quando eu comecei lá eu já comecei a fazer o curso, então [...] de muitos aprendizes que entraram só sobraram poucos, [...] então acho que esses [que] se destacaram mais, assim, foram aqueles que tinham aquele estudo um pouco melhor, vamos dizer assim, a capacidade, o desempenho melhor pra se fixar na empresa, né, daí então eu acho que o estudo com esse curso técnico me ajudou bastante [...] a crescer na empresa, a utilizar as matérias técnicas, aprendizagem toda na empresa. Eu acho que deu uma boa destacada nisso. (GF3-12)

Esse testemunho mostra a importância atribuída à escola e o papel associado à Educação Profissional, que se apresentaria como um diferencial para afastar o risco da vulnerabilidade em tempos de intensa competição entre os candidatos a emprego.

Tal como ocorrera com seus pais, eles precisam se submeter logo cedo à lógica capitalista, que agora se caracteriza pela inclinação ao individualismo, à competição e à autorresponsabilização pelos “sucessos” ou “fracassos” em relação ao lugar que ocupam no sistema, conforme esclarece Enguita (1989, p. 192):

A escola exerce aqui um duplo papel. Por um lado abre uma via [...] através da qual é possível melhorar a posição de indivíduos e grupos dentro dos cursos de ação estabelecidos e aceitos e sem risco de desembocar em um conflito aberto. Fundamentalmente, permite aos grupos ocupacionais reforçar sua posição controlando as possibilidades de acesso aos mesmos, as quais são restringidas através da elevação das exigências em termos educacionais; e, sobretudo, permite aos indivíduos lutar pessoalmente para mudar de grupo, para aceder a outro situado em uma posição mais desejável. Na realidade, a escola é hoje o principal mecanismo de legitimação meritocrática de nossa sociedade, pois supõe-se que através dela tem lugar uma seleção objetiva dos mais capazes para o desempenho das funções mais relevantes, às quais se associam também recompensas mais elevadas.

Esse papel é reforçado pelos jovens que buscam na educação escolar uma possibilidade de inserção profissional qualificada. Entre os estudantes pesquisados, percebemos dois grupos que se unem no espaço escolar: os que estudam e que se valem dessa condição para alavancar uma primeira oportunidade de inserção laboral; os que trabalham e que procuram na escola a mediação para a constituição de melhores condições de trabalho e renda.

Também encontramos um grupo de estudantes que declara buscar na Educação Profissional uma oportunidade real de concluir o Ensino Médio, tendo em vista as dificuldades que encontraria no Ensino Médio regular. O aluno Q1103, por exemplo, que já tem 21

anos, optou pela Educação Profissional por achar que a chance de aprendizagem é melhor e que não se adaptaria no Ensino Médio regular. Filho de vigilante e de encarregada de serviços gerais, ele assim justifica a vantagem do curso escolhido: “Ele é tipo um Ensino Médio, só que acoplado com o curso técnico. Além disso, são 4 anos; a vantagem de aprender mais é maior, e nós podemos ter um bom serviço que é o auxiliar administrativo”. Esse mesmo aluno ficou algum tempo sem estudar antes de ingressar no Ensino Médio. Já trabalhou como conferente de supermercado, mas hoje está desempregado e pretende terminar logo os estudos, entendendo que isso vai proporcionar um bom trabalho e melhores condições para a família.

Outro exemplo é o da aluna Q3129, que também está com 21 anos e trabalha como atendente de banco. Diz que já foi reprovada no Ensino Médio em função dos atrasos/faltas e da dificuldade de aprender, motivo pelo qual acha que o fato de a Educação Profissional ter disciplinas diferenciadas (técnicas) constitui-se em uma vantagem para quem quer terminar o Ensino Médio.

Por fim, o aluno Q2201, que está com 20 anos e é filho de operários (o pai operador de empilhadeira e a mãe soldadora) alega já ter sido reprovado uma vez, o que atribui à dificuldade de aprender. Sai de casa, para trabalhar, às 5h20min, com jornada que vai até às 14h. Tem o meio da tarde livre, mas vai para a escola às 18h e só retorna às 23h. Alega que o trabalho tem, para ele, o sentido de realização pessoal. Pretende, com o estudo, ser um ótimo profissional, de modo a se sentir orgulhoso do respeito conquistado perante as pessoas.

Assim, todos os alunos tomados como exemplo são filhos de pais pobres e trabalhadores e declaram ter alguma dificuldade de aprendizagem, o que teria determinado a reprovação ou interrupção dos estudos por algum período. Sendo jovens trabalhadores que estudam, declaram que a Educação Profissional é mais convergente com os seus interesses e possibilidades de conclusão do Ensino Médio.

OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Simultaneamente à caracterização dos estudantes, pesquisamos as relações que eles estabelecem com o curso, as percepções que têm sobre a Educação Profissional na perspectiva dos seus projetos pessoais e os sentidos que lhe atribuem.

Como vimos até aqui, os estudantes do Ensino Médio Integrado fazem uma associação entre a Educação Profissional e as possibilidades de inserção e/ou melhora do emprego e da renda. Às vezes, há tanta ênfase e entusiasmo com o curso técnico que os

estudantes acabam até supervalorizando o seu papel como passaporte para a obtenção de emprego e/ou para o prosseguimento dos estudos:

Meu irmão, ele fez técnico em mecatrônica. [...] Ele é metrologista e [...] no primeiro emprego que ele conseguiu logo após terminar o técnico [...] foi bom pra caramba. Ele ganhava muito bem, aí depois houve outras ofertas e agora está com um emprego bom, só com o técnico, e agora está fazendo a faculdade já de mecatrônica, mas só com o técnico. (GF3-01).

O otimismo indica a admiração dos estudantes quanto à dupla função do Ensino Médio Integrado, que a um só tempo capacita para a vida laboral e para o prosseguimento dos estudos em nível superior.

Mesmo nos casos em que a preocupação primeira não é o emprego, há depoimentos que demonstram satisfação com o curso, por variados motivos. Veja-se o caso da aluna Q3103, que é filha de pais com maior escolaridade e que fez o ensino fundamental em escola particular: embora não dependa do trabalho, de manhã cuida do irmão menor e à tarde aproveita para fazer cursinho pré-vestibular. Para ela, a Educação Profissional apresenta mais desafios, pois ainda que não tenha o foco no vestibular, o curso técnico apresenta como diferencial a variedade de disciplinas e a maior cobrança por parte dos professores e da escola, aumentando a responsabilidade do aluno. Caso fosse começar o Ensino Médio hoje, diz que optaria pelo mesmo curso técnico atualmente frequentado, o que se explica pelo fato de estar fazendo simultaneamente um cursinho pré-vestibular.

Encontramos um expressivo número de jovens (44% do total) que, além de reconhecer e valorizar a Educação Profissional pela sua utilidade em relação ao ingresso e/ou melhora das condições de trabalho, atribui à última etapa da educação básica um papel importante na formação para a vida e para o trabalho, o que compreende desde as coisas mais simples até as mais sutis e subjetivas, que de alguma forma fazem sentido para o estudante:

Eu acho que vou levar coisas assim [...] que não aprenderia em lugar nenhum, igual nós tivemos um professor [...] ele ensinou a gente ler um currículo, uma coisa que eu nunca tinha feito na minha vida, era ler um currículo. Eu fico pensando, imagine, será que se isso fosse num outro curso, eu saberia fazer? Então é uma coisa que se fosse numa entrevista de emprego, isso eu vou levar pro resto da minha vida, porque eu nunca mais vou me esquecer, que nisso eu não vou reprovar numa entrevista de emprego. (GF2-05).

Além disso, as vantagens da Educação Profissional não estão restritas ao desenvolvimento de habilidades técnicas ou de aprendizagem de conteúdos, mas na incorporação de novas formas

de se comportar e enfrentar o trabalho e a vida, de modo que o curso escolhido também pode contribuir para isso:

[...] eu trabalho na área de comportamento organizacional. A gente tem que ter um jeito melhor de conversar com as pessoas, de aceitar a opinião das pessoas, [...] que nem colégio público, nossa sociedade hoje não tem tanta valorização, [...] a gente é desvalorizado, querendo ou não. E lá, se eu tivesse fazendo normal [o Ensino Médio regular], eu não ia ter um certo tipo de chegar numa pessoa e conversar com ela exatamente do modo que tem que ser, e com a administração a gente tem um jeito mais pra levar nosso dia a dia, um jeito de respeito, comportamento, isso muda bastante. (GF3-03)

O esforço do aluno está no sentido de esclarecer que, se a escola pública em geral é desvalorizada, a Educação Profissional pode ser uma estratégia para conquistar o respeito social e profissional, possibilitando que uma situação originalmente prejudicial (o fato de estudar em escola pública) se transforme em um diferencial positivo. Por outro lado, sua fala reforça o papel da escola enquanto disciplinadora da força de trabalho. A assimilação de que há um “modo de ser” adequado para a conquista de um espaço no mercado de trabalho demonstra o êxito da escola nesse mister.

No trajeto percorrido nos quase quatro anos do Ensino Médio Integrado, ainda que a motivação inicial tenha sido a formação para o emprego ou até mesmo a preparação para o vestibular, outros elementos do processo formativo vão sendo percebidos e valorizados pelos estudantes, de modo a reconhecer que a vida está acima do trabalho mercantil e da própria escola: “[...] pra você passar no vestibular não adianta você estudar só as disciplinas técnicas, aliás, pra você seguir a tua vida não adianta só você estudar as disciplinas técnicas, você tem que saber Sociologia, Filosofia, Matemática talvez” (GF4-02).

Manifestações como essa mostram que o processo formativo é sempre uma oportunidade de avanço. A fala do estudante, restrita inicialmente ao interesse pelo vestibular, ou à preparação para o trabalho, logo dá vazão a uma inquietude que sinaliza o interesse e/ou curiosidade que permite avançar da ingenuidade para a criticidade. Pela própria característica da técnica, os grupos focais permitiram perceber certa inquietação, própria dos jovens, mas acentuada na disposição de expressar opiniões sobre assuntos que extrapolam o universo escolar.

Avançando na análise dos dados obtidos, verificou-se poucas manifestações de arrependimento dos jovens em relação à escolha pela Educação Profissional (7% do total) e, nesses casos, a frustração está relacionada às percepções de que a Educação Profissional não prepara para o vestibular, de que o tempo de duração dos cursos é muito longo³ e de que não houve adaptação dos estudantes aos cursos técnicos escolhidos.

A percepção sobre a pertinência do Ensino Médio Integrado parte, inclusive, de alunos que, ao fazer crítica contundente ao currículo dessa oferta, tendo em vista a incompatibilidade das disciplinas com a preparação para o prosseguimento dos estudos, acabam concordando sobre a necessidade da oferta integrada em determinados casos, posto que

Ajuda os jovens que desde cedo já procuram trabalhar; faz com que eles trabalhem uma área específica de maneira regular; eu acho que isso acaba trazendo muitos jovens que estariam trabalhando de maneira irregular; enfim, eu acho que isso ajuda também. (GF1-05)

A manifestação, a seguir, confirma a assertiva de que o curso atende determinadas necessidades específicas dos jovens trabalhadores:

[...] Em relação a essa matéria de Direito [...] a gente aprendeu sobre direitos trabalhistas, que 90%, 70% de funcionários das empresas, não sabem quais são os seus direitos [...] como a gente tem esse conhecimento básico, a gente já sabe se o que [...] está fazendo pela lei é correto ou não. E a gente sabe se está fazendo dentro das leis ou não e a gente vai saber se a gente está sendo explorado, se a empresa está agindo corretamente ou não. (GF2-02)

Assim, poderíamos perguntar: em que outra situação os jovens trabalhadores mais pobres estariam tendo acesso a esse conhecimento? Será que estariam no Ensino Médio se não fosse pela Educação Profissional? Como vemos, os sentidos atribuídos ao Ensino Médio Integrado não podem ser considerados estritamente pelo seu caráter de funcionalidade ao mercado de trabalho, sugerido pelas falas. Também devem considerar as possibilidades mais amplas que a discussão dos problemas do cotidiano laboral no ambiente escolar proporciona, como no exemplo citado, o que implica reconhecer que a formação (e a emancipação) do trabalhador começa por dentro do próprio sistema, reconhecendo-se como um sujeito de obrigações, mas também de direitos.

Mas isso não significa que a oferta de educação profissional técnica de nível médio se dê em condições bastante melhores que o ensino médio regular. Um dos problemas é a recorrente falta de professores no início do ano letivo, o que compromete o aproveitamento dos estudos, a começar mesmo pela falta de conteúdos. Um aluno reclamou que é comum a falta de professores no início do ano: “muitas vezes a gente começou a ficar muito mais em casa do que no colégio.” (GF2-02). Outra estudante avança na crítica, mostrando que o Ensino Médio ainda está longe de ser prioridade dos governos, pois o fato de não contar com um quadro permanente de professores

se reflete nos processos seletivos, que ficam comprometidos pela pressa e pela temporariedade das admissões:

[...] nas escolas estaduais, não sei se estou enganada, mas o que a gente viu é [...] falta de professor no início do ano, que a gente sofreu bastante com isso no primeiro e no segundo. Ah! pega qualquer um cara, porque tá faltando, vamos pegar! ... e, às vezes, eles não eram o que a gente precisava no momento, eles não tinham aquele conhecimento que a gente precisava adquirir nos primeiros anos. (GF2-03)

Outra aluna foi ainda mais contundente, revelando que, se o problema começa com a falta de professores para atender à demanda, há também que se verificar a questão do cumprimento das atividades propostas:

Na minha opinião, existem bons técnicos mas talvez não tão bons professores [...] eu não sei como é feita a seleção de professores, mas eu acho que a seleção poderia ser mais rigorosa; eu acredito que tenha uma ementa que o professor deve seguir e que nem sempre eles seguem. Nós tivemos um caso aqui, o professor de suporte técnico, que foi bem complicado, ele dizia que ia passar a matéria, daí se enrolava e não passava. Acho que não só no nosso colégio, mas em outros colégios [...] eu acho que tem que ser mais rigorosa essa fiscalização dos professores. (GF4-02)

Aqui esbarramos nas questões da qualificação dos professores e da organização do trabalho escolar, que deve incorporar mecanismos de avaliação de desempenho e monitoramento dos objetivos e dos conteúdos programáticos, em cumprimento às diretrizes curriculares. Os estudantes não ignoram a importância das aulas para a sua formação e para o prosseguimento dos estudos, demonstrando que compreendem a real importância do trabalho escolar e da sua especificidade no processo formativo.

A insuficiência de professores e/ou a deficiente formação docente para a última etapa da educação básica, mormente para a oferta de Educação Profissional, são dois grandes desafios a serem enfrentados se queremos atender ao Ensino Médio com a qualidade social desejada. Nesse sentido, a falta de perspectivas na carreira docente tem impactado negativamente sobre os estudantes de hoje, a ponto de encontrarmos apenas três (entre os setenta e dois jovens pesquisados) interessados em fazer cursos superiores de licenciatura.

No caso específico da Educação Profissional, o problema se agrava pela falta de formação específica para a área em que o curso é ofertado ou, quando ela existe, pela falta de formação docente dos atuais ou dos postulantes ao magistério na Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Considerando a inexistência de uma política que assegure a continuidade das ofertas, os estabelecimentos também têm dificuldades de compor e aprovar novas vagas para contratação de professores, obtendo, quando muito, autorização para contratação

temporária. Assim, as dificuldades de realização do trabalho docente não passam despercebidas pelos estudantes.⁴

Outro problema é a estafante rotina de trabalho e estudo, especialmente quando expõe o jovem a uma jornada tripla que, somada ao tempo de deslocamento casa-emprego-escola, pode chegar a dezessete ou dezoito horas de atividades. Isso, todavia, não impede que muitos se organizem para conseguir se manter na condição de trabalhador e estudante:

Eu trabalho há um ano o dia inteiro, eu trabalho das oito às dezoito e venho pro colégio em seguida. Então você tem que primeiro separar muito bem as coisas, tipo seu tempo, porque se você começar a misturar muito trabalho e escola, uma hora não vai dar certo, né, o que acontece muito [...] é cansativo, é exaustivo, mas se você tem um objetivo, tem como [conciliar]. (GF1-01)

Além da sobrecarga de atividades, que roubam o pouco de tempo que os jovens teriam para si, a natureza do trabalho representa um agravante, tendo em vista as poucas possibilidades de vivência da juventude, alimentando nos jovens a expectativa de que a escola resgate aquilo que se perde no ambiente de trabalho:

[...] muitos locais de trabalho como a [fulana] falou são estressantes, às vezes não é o local onde você pode desenvolver sua criatividade, às vezes é um trabalho que você tá repetindo uma rotina muito tempo, você não pode nem aprender muitas coisas. Eu acho que quando o aluno chega num colégio, é fundamental que ele conheça coisas novas, que ele tenha contato com um mundo um pouco mais [...] dinâmico, mais criativo, pra auxiliar na formação dele, pra não ficar alienado nessa atividade. (GF1-05)

Apesar das queixas, os alunos que chegam ao final sentem-se satisfeitos, recompensados e até entusiasmados com o curso:

[...] conciliando o estudo com o trabalho, assim, a gente aprende [...] a gente dá valor ao que a gente tá fazendo. Tenho certeza, uma pessoa que ganha tudo [...] não vai ter o mesmo valor que a gente que trabalha. Às vezes, fica à noite acordado, estudando pra fazer o TCC ou qualquer tipo de trabalho que você precisa [...] você tem que dar valor às coisas [...] qual que é o melhor pro seu futuro. (GF2-02)

Uma explicação para essa satisfação é a sensação de que o esforço não foi em vão, permitindo a realização do estudante trabalhador na medida em que, pelo sacrifício de trabalhar e estudar, consegue ajudar em casa e satisfazer algumas das suas necessidades próprias da juventude:

[...] a gente faz uma compra com uma parte do dinheiro que a gente tem de salário, aquele valor a gente divide pra [...] dar pra mãe pagar uma conta de luz, fazer uma coisa e outra. Às vezes ainda a gente tem que fazer uma administração do nosso valor pra poder fazer sobrar no final do mês. Pra comprar uma coisa, pra sair e tal. Muito importante. (GF3-03)

Além da formação para o trabalho e para a vida, a educação escolar possibilita a realização de outras necessidades do jovem estudante trabalhador. Nesse sentido, as relações que ele estabelece no ambiente educacional fortalecem o vínculo com a escola e com o seu processo de formação, despontando-se os colegas e os professores como elementos importantes nesse desenvolvimento. Apesar das dificuldades de conciliar estudo e trabalho, das limitações relacionadas à falta de preparo para o vestibular, do investimento de um ano a mais para a conclusão do Ensino Médio e, ainda, da falta de integração entre as disciplinas, os estudantes que conseguem chegar ao final do curso parecem satisfeitos com os resultados e entendem que a Educação Profissional, de oferta integrada, está correspondendo às suas expectativas de jovens trabalhadores.

Se os jovens não conseguem perceber claramente o quanto o curso técnico vai “pesar”, resta-lhes a “certeza” de que isso terá alguma importância para a obtenção, manutenção ou melhora do emprego. Tais inferências estão de acordo com o que foi observado em outros estudos a respeito da relação dos jovens com a escola, como o de Castro e Abramovay (2002, p. 154):

Ainda que se registrem reflexões críticas sobre a relação entre o ensino formal e o engajamento no mercado de trabalho, de uma forma ambígua, também os jovens, como seus pais, buscam valorizar a escolaridade como fundamental para alcançar bons postos no mercado de trabalho: “Porque a primeira coisa que se exige para conseguir emprego é estudo, até para ser catador de lixo”.

Despertou-nos interesse, também, o fato de alguns estudantes declararem que a opção pela Educação Profissional faz parte de uma estratégia para verificar se as intenções de carreira na universidade trarão a realização projetada. Nesse sentido, o curso escolhido ganha importância como mecanismo de antecipação das experiências acadêmicas e profissionais.

A aluna Q4305, que se matriculou no Ensino Médio Integrado técnico em informática, afirma ter escolhido esse curso porque sempre teve interesse, e queria se certificar quanto a essa tendência, tendo em vista o projeto de ingresso no ensino superior. A necessidade fez com que aceitasse trabalhar como auxiliar de produção, área bastante distinta daquela que pretende abraçar como carreira, mas mesmo assim se diz satisfeita, diferentemente de alguns que criticam o curso por ser insuficiente quanto à formação profissional específica na área de informática.

Outro estudante, que participou dos grupos focais, apresentou uma resposta que aponta os cursos de Educação Profissional como

adequados para aqueles que efetivamente pretendem fazer um curso técnico como preparo para atuação na área escolhida:

Depende do que ele quer pra vida dele, mas se ele está com a intenção de entrar no técnico eu apoiaria [...] todo conhecimento é válido. Agora se ele, se a pessoa não pretende [...] atuar em nada da área e quer fazer uma faculdade logo que terminar o Ensino Médio, [deveria fazer médio regular]. (GF4-02)

Assim, dos elementos da pesquisa que identificam o grupo mais representativo dos alunos da Educação Profissional de oferta integrada, e que os caracterizam do ponto de vista educacional e socioeconômico, destacamos o fato de serem filhos de trabalhadores que têm baixa escolaridade e exercem funções de pouco prestígio social, de enfrentarem condição econômica precária e de estarem decididos a concluir o curso técnico como forma de melhorar as condições de trabalho e de vida.

Há alunos que têm melhores condições socioeconômicas e que apresentam outra relação com a escola e com o trabalho, conforme já anunciamos na parte inicial deste artigo, mas o esforço diário para assegurar uma vida melhor pelo trabalho faz nascer entre eles a convicção de que, sem a Educação Profissional, as possibilidades de superação das condições atuais ficariam ainda mais difíceis, seja pelo distanciamento entre o universo laboral e o ambiente escolar, seja pelas dificuldades de trilhar o mesmo percurso escolar quando não pretendem prosseguir os estudos na universidade ou quando entendem que esse percurso único pode prejudicá-los, haja vista a sua condição de trabalhador-estudante.

[...] o Ensino Médio técnico [...] vai além das matérias [...] que já fariam parte do integrado. Ele traz matérias que vão preparar pra uma formação ou pra um trabalho específico [...] que vão trazer uma qualificação pro mercado de trabalho, vai trazer um diferencial. Valeu, porque graças ao curso foi que eu encontrei a área que eu gostei e quero atuar e não fosse pelo curso talvez eu não saberia o que, aonde e em que trabalhar. Então o curso ajudou bastante. (GF4-08)

Dois elementos chamam a atenção na percepção desse estudante: a compreensão de que o Ensino Médio Integrado contempla disciplinas técnicas que vão além daquelas normalmente ofertadas no Ensino Médio regular; e a percepção de que o enfoque do curso ajuda na qualificação, na identificação de oportunidades de inserção profissional e no encaminhamento para o mercado de trabalho. Tais elementos revelam o convencimento do aluno quanto à vantagem da Educação Profissional, que estaria assegurando uma formação similar à do Ensino Médio regular e, ao mesmo tempo, colocando-o em uma condição de diferenciação perante o mercado de trabalho.

A sinalização da importância da Educação Profissional de oferta integrada é compartilhada por outros estudantes, que defendem a sua permanência, mesmo com as deficiências apontadas, tendo em vista a sua utilidade para aqueles que não querem, não pretendem ou não podem prosseguir com os estudos:

[...] eu acho que [o EMI] não deve acabar, porque [...] muita gente não tem como fazer um curso superior, não tem tanta facilidade pra fazer um curso superior, não tem tanto acesso a um curso superior, e o técnico te dá uma abertura, não tão grande quanto o curso superior, mas ele te dá uma abertura pro mercado de trabalho. (GF4-02)

As expressões “não tem como fazer”, “não tem tanta facilidade” e “não tem tanto acesso” ao curso superior materializam situações que vão desde a falta de condições econômicas propriamente ditas até às dificuldades inerentes à possibilidade de ingresso e de frequência ao curso, revelando a dura realidade que cerca os fragmentos mais vulneráveis da classe trabalhadora, que não podem sonhar com um futuro melhor enquanto as condições de vida exigirem um pragmatismo em relação à formação que interessa mais imediatamente, a saber: Ensino Médio de caráter profissionalizante.

Também encontramos alunos que, se pudessem voltar atrás, optariam pelo Ensino Médio regular (17%). Nesses casos, verificamos uma melhor condição financeira e a determinação para a continuidade dos estudos na universidade, o que explica a associação do trabalho não à necessidade, mas à autorrealização e à independência.

Isso tudo nos ajuda a compreender que os cursos de EPTNM fazem mais sentido quando refletem uma opção do estudante e não dos pais, e quando estabelecem alguma sintonia com as suas expectativas profissionais. Além disso, a relação que mantêm com o trabalho e/ou com a necessidade de trabalhar reflete sobre a opinião que formam a respeito da Educação Profissional, de modo que a maior adesão aos cursos técnicos e a suas possíveis vantagens está diretamente relacionada ao fato de o trabalho e a necessidade de renda estarem no horizonte mais imediato do estudante. Logo, o jovem que precisa trabalhar valoriza mais os cursos de Educação Profissional do que aquele que só se dedica aos estudos ou que, mesmo exercendo alguma atividade remunerada, o faz por outro motivo que não a necessidade imediata de subsistência.

Compreendemos as manifestações dos jovens mais pobres, expressas na imperiosidade e na imediatividade de capacitação para uma inserção laboral de qualidade, como fruto da experiência social da classe, que não tem outra forma de obter renda a não ser pela venda da sua força de trabalho, e em condições que independem de sua vontade. Logo, apesar do discurso que naturaliza a falta de

qualificação dos trabalhadores como causa da vulnerabilidade laboral e econômica, é possível vislumbrar, no espaço escolar contraditório em que se situa a Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio, condições sócio-históricas que contribuem para desvelar aos jovens o caráter dual da sociedade capitalista. Caráter este que se manifesta já na necessidade de que milhões desses jovens precisem conciliar trabalho e estudo tão precocemente, se é que a “opção” primeira não tenha se dado já no abandono da escola.

Aqui recuperamos o argumento de Dubet (2008) sobre a responsabilidade da escola no que se refere à igualdade das oportunidades:

A escola deve assegurar a *igualdade individual das oportunidades*. Em relação ao registro da utilidade dos estudos primeiramente. Isso não significa ceder à “mercantilização” da cultura e da educação, mas lembrar que as qualificações escolares são bens úteis aos que as adquirem, pois os diplomas são mais ou menos bem “pagos” no mercado de trabalho [...] Mesmo justa, uma escola que determinasse totalmente a trajetória dos indivíduos estaria encarregada de uma tarefa esmagadora e teria poucas chances de contribuir para a ampliação de uma justiça social. Devemos, portanto, buscar ao mesmo tempo a igualdade das oportunidades na escola e desconfiar de suas consequências, pois ela, por sua vez, pode desenvolver grandes desigualdades sociais. (DUBET, 2008, p. 14)

Se não está sob o alcance da escola corrigir as injustiças sociais ou combater os efeitos do sistema capitalista sobre a vida dos mais pobres, um primeiro passo importante seria o de permitir o acesso de todos ao conhecimento escolar, o que pode contribuir grandemente para o desvelamento da sociedade de classes.

A Educação Profissional pode, portanto, ser tanto funcional ao sistema produtivo como abrir aos estudantes novos horizontes de vida e trabalho quando amplia a compreensão da realidade sócio-histórica. Isso vai depender das condições em que esse trabalho é realizado e de um conjunto de fatores associados ao ato formativo, como a aderência dos estudantes à proposta de inserção social subordinada à lógica da sociedade capitalista ou, por outro lado, o vislumbre do caráter revolucionário e da possibilidade de individuação do sujeito social na construção de uma nova organização coletiva, mais humana e justa.

Independentemente dos projetos de cada um, os estudantes do Ensino Médio Integrado se solidarizam na escola. Mesmo aqueles que demonstram não depender imediatamente do emprego acham que o EMI cumpre essa função; também aqueles que atualmente não demonstram interesse de fazer o vestibular se sensibilizam com a falta de preocupação do curso no atendimento daqueles que postulam o prosseguimento dos estudos na universidade.

Se há uma tendência de que uma parte da sociedade atribua aos jovens o estereótipo de alienados em relação ao seu futuro e aos problemas do mundo, também é preciso reconhecer um esforço de muitos para subverter a lógica e criar outras possibilidades, conforme reflexão de Castro e Abramovay (2002, p. 174):

[...] os jovens fazem parte e circulam por distintas instituições, como a família, o mercado de trabalho e a escola; são produtores e consumidores de espetáculos e notícias, sendo produzidos por e reproduzindo formas de ser e de pensar. Por um lado respondem ao apelo do consumo, da competitividade, do individualismo e da fixação no poder – marcas de uma época, de uma geração –, mas muitos desenvolvem um pensamento crítico, buscam saídas e resistem, ainda que o horizonte do possível para os pobres seja limitado.

Assim, apesar dos limites do Ensino Médio e da Educação Profissional na perspectiva do atendimento das demandas dos jovens da classe trabalhadora⁵, a universalização do acesso à última etapa da educação básica é uma luta e um caminho que não podem ser abandonados, sob pena de se desperdiçar as oportunidades de uma mudança qualitativa na situação socioeconômica dos jovens trabalhadores que estão nos umbrais da inserção laboral e da formação escolar mais ampla.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa, cujos resultados apresentamos parcialmente neste artigo, tivemos o objetivo de caracterizar os jovens que frequentam a Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio, de oferta pública e noturna, na rede pública estadual de Curitiba e região metropolitana. Além disso, buscamos conhecer os sentidos que os jovens atribuem a essa oferta educacional.

Outros estudos já nos mostravam que os jovens buscam no Ensino Médio a formação para o trabalho e a preparação para a continuidade dos estudos em nível universitário. Em parte, por iniciativa própria, mas muito em função do encaminhamento dos pais e da sociedade.

Não dispúnhamos, todavia, de estudos específicos com os jovens do Ensino Médio noturno, na maioria inseridos no mercado de trabalho, que estivessem trilhando o percurso da Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Menos ainda, que tivessem elegido como seu público-alvo os estudantes jovens da Educação Profissional de oferta integrada ao Ensino Médio.

No caso do Estado do Paraná, *locus* da pesquisa, devemos lembrar que o Ensino Médio Integrado ficou regulamentado como de integralização em quatro anos letivos, o que por si só representa um

limitador do interesse da sociedade, tendo em vista a lógica capitalista da produtividade, da imediatividade e da conversibilidade do tempo em dinheiro, o que implica no encurtamento dos prazos para a formação.

Assim, essa lacuna nas pesquisas empíricas remetia à necessidade de aproximação com os jovens que se encontravam na condição de estudantes-trabalhadores (por hipótese, interessados em uma formação mais instrumental e mais rápida), de modo a ouvir deles próprios os sentidos que atribuem à Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Isso ganha ainda mais importância quando as estatísticas relativas ao Ensino Médio revelam a incapacidade das políticas públicas educacionais converterem-se em mais matrículas e se percebe um conjunto de críticas, protagonizadas por intelectuais de correntes teóricas e/ou interesses divergentes, acerca da inadequação da legislação e, por conseguinte, dos trajetos e dos currículos previstos hoje, no Brasil, para a última etapa da educação básica.

Os resultados obtidos com a pesquisa nos permitiram confirmar a hipótese de que os jovens buscam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio a melhora das suas chances de inserção e/ou manutenção no mercado de trabalho. Essa constatação, todavia, não nos autoriza a estabelecer uma linearidade entre formação técnica e inserção laboral, uma vez que as relações entre escolarização, formação profissional e vivência da juventude vêm sendo tensionadas e reconfiguradas, conforme sinalizam as falas dos estudantes da nossa pesquisa e os estudos acerca do emprego e desemprego juvenil.

Mais do que simplesmente associar o “Ensino Médio Técnico” às necessidades de emprego e renda, os estudantes pesquisados demonstram conhecer os limites e possibilidades da educação profissional técnica de nível médio. Em relação aos limites, destacamos: não preparar para o vestibular; os problemas relativos à distribuição das disciplinas na grade curricular e à falta de integração entre elas; o tempo de um ano a mais para a integralização curricular, em comparação com o Ensino Médio regular; a frustração quando não há adaptação e/ou identificação com o curso ou carreira técnica proposta.

Em relação às possibilidades, destacamos: a variedade de disciplinas, a carga horária superior ao Ensino Médio regular e o tratamento diferenciado por parte da escola e dos professores; a formação para a vida e para o trabalho, considerando a relação direta dos cursos técnicos com o cotidiano dos jovens estudantes trabalhadores; o efeito compensatório da Educação Profissional, tendo em vista que a escola pública em geral é desvalorizada pela sociedade e pelo mercado de trabalho; o fortalecimento do vínculo com a escola, que resulta do estreitamento da relação com os colegas e os professores; a opção

por um curso técnico específico que funciona como uma antecipação das possibilidades futuras de carreira; as vantagens que a Educação Profissional oferece aos que não se sentem seguros de seguir o mesmo percurso dos estudantes do Ensino Médio regular, os quais têm como foco o prosseguimento de estudos na universidade.

Dos limites e possibilidades apontados pelos jovens que frequentam hoje a Educação Profissional técnica de oferta integrada ao Ensino Médio, podemos concluir pela necessidade de se refletir sobre as intenções da política pública, que induz à ampliação das matrículas na Educação Profissional, e sobre as condições em que ela se materializa no cotidiano marcado pela falta de infraestrutura escolar do Ensino Médio público noturno.

Concluimos sinalizando a necessidade de que devemos refletir mais sobre os significados atribuídos ao Ensino Médio Integrado pelos seus alunos, em sua maioria jovens trabalhadores, que buscam na escola a formação que lhes assegure um futuro que rompa com a realidade presente, e que se esquivam do destino que lhes foi reservado pela meritocracia capitalista: de ter que trabalhar precocemente para viver, de fazer um esforço sobre-humano para poder estudar e, por fim, de ter que buscar motivações pessoais para não ser abandonado pela escola.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ronaldo M. L. Formação de docentes para a educação profissional e tecnológica: por uma pedagogia integradora da educação profissional. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, mai./ago. 2008.
- CASTRO, MARY G.; ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, julho/2002.
- COSTA, Gilvan L. M. O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente. *R. bras. Est. pedag.*, Brasília, v. 94, n. 236, p. 185-210, jan./abr. 2013.
- DUBET, François. *O que é uma escola justa?* A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008.
- ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041213115340.pdf>.
- KUENZER, Acácia Z. A Educação Profissional nos anos 2000: a dimensão subordinada das políticas de inclusão. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 27, n. 96/ Especial, out. 2006, p. 877-910.
- KUENZER, Acácia Z. A formação de professores para o ensino médio: velhos problemas, novos desafios. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 116, p. 667-688, jul.-set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v32n116/a04v32n116.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.
- MATHIAS, Máira. Quem é o docente da educação profissional? *Envolverde Jornalismo & Sustentabilidade*. 2011. Disponível em: <<http://envolverde.com.br/educacao/ensino-superior/quem-e-o-docente-da-educacao-profissional/>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Tradução de T. Brito. In: FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO. Porto Alegre: 28 jul. 2004. Versão digitalizada disponível em: <http://resistir.info/meszaros/meszaros_educacao.html>. Acesso em: 16 fev. 2011.

PINTO, Álvaro V. *Sete lições sobre educação de adultos*. 4. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1986.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. 35. ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n101/a0228101.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

NOTAS

¹ Para a presente pesquisa, foi realizado inicialmente um *survey* com estudantes do Ensino Médio Noturno das escolas públicas de Curitiba e municípios que integram a região metropolitana que contou com a participação de 18 escolas e 4.143 estudantes. A escolha das escolas obedeceu ao critério de ofertarem Ensino Médio regular (não profissionalizante), Ensino Médio profissionalizante subsequente, Ensino Médio integrado (oferta integrada da Educação Profissional ao ensino médio) e Ensino Médio na modalidade Proeja. Com base nos indicativos iniciais dessa pesquisa exploratória, foram selecionadas quatro turmas do 4º e último ano da oferta de Ensino Médio Integrado: as duas mais numerosas e as duas menos numerosas. As escolas e os cursos constantes da tabela 1 decorreram, portanto, desse critério, e é desses dados que nos ocupamos no presente texto.

² Aqui identificamos os estudantes pesquisados com um código, iniciado com Q para indicar questionário e GF para indicar os grupos focais.

³ A necessidade de mais tempo para a integralização curricular é uma característica do Ensino Médio Integrado na rede estadual paranaense. Segundo verificamos nos quatro estabelecimentos pesquisados, todos apresentam, grades que totalizam 4.000 horas-aula ou 3.333 horas-relógio, distribuídas entre disciplinas da Base Nacional Comum e disciplinas da Formação Específica.

⁴ Como a docência não era o objeto deste estudo, sugerimos a leitura de Araújo (2008), que trata da formação de docentes para a educação profissional e tecnológica, de Mathias (2011), que apresenta um trabalho jornalístico buscando responder quem é o docente da educação profissional, e de Kuenzer (2011), que aborda a formação de docentes para o ensino médio.

⁵ Para aprofundamento dessa questão, sugerimos o texto *O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente*, de autoria de Costa (2013).

Recebido: 11/11/2014

Aprovado: 22/05/2015

Contato:

Márcio Luiz Bernardim
Rua Generoso De Paula Bastos, 2340, Santa Cruz
CEP 85015-030, Guarapuava | PR | Brasil
CEP 85.015-030